

RÓIS DE CONFESSADOS, REGISTOS PAROQUIAIS E A SECÇÃO «CRIAÇÃO DOS EXPOSTOS» DO ARQUIVO HISTÓRICO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA. HISTÓRIAS DE VIDA DE CRIANÇAS ABANDONADAS EM LISBOA (SÉCULO XIX)

JOANA VIEIRA PAULINO¹

INTRODUÇÃO

No século XIX, reflexo de um longo e lento caminho iniciado em Seiscentos, a importância da criança na família e na sociedade já estava consolidada.² Contrastava com este quadro um grupo particular de crianças, que não estava integrado na sua família biológica por terem sido abandonadas pelos pais, sendo não só oriundas de contextos de pobreza como, *a posteriori*, por serem menores maioritariamente criados em agregados da classe popular.

Em meados de Oitocentos, os menores eram expostos, isto é, abandonados, sobretudo nas rodas, que permitiam o anonimato desta prática. A roda era um cilindro de madeira oco, que girava sobre um eixo, colocada na janela de um edifício e com uma única abertura. Em Lisboa, a Santa Casa da Misericórdia (SCML) era a instituição responsável pela criação dos abandonados (mediante financiamento municipal). Contudo, o elevado abandono e a mortalidade destes menores levaram

1 Este trabalho contou com o apoio financeiro da FCT e do FSE no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio, através de uma Bolsa de Doutoramento (SFRH/BD/112019/2015).

2 Philippe Ariès, *História Social da Criança e da Família* (Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1973).

a debates em torno da viabilidade do modelo anónimo. No ano económico de 1862-1863 foram abandonadas 15 358 crianças em Portugal, 20 % das quais na roda da SCML. Existiam então 52 552 expostos no Reino, com 32 % à tutela da SCML.³ Em 1870, as exposições anónimas infantis na capital findaram, dando lugar à admissão controlada, ponderada e justificada, à generalização dos subsídios de lactação e ao policiamento em torno das instituições. Impunha-se a responsabilidade parental, seguindo-se uma mudança na política assistencial que estava a ser adotada na Europa católica e noutras partes do Reino.⁴

O abandono infantil é um tema estudado desde a década de 1980 pela historiografia nacional e internacional. Várias foram as investigações feitas para regiões portuguesas — como Coimbra, Viana do Castelo ou Loulé — e europeias — Paris, Milão, Madrid, entre outras.⁵ Todavia, não existe uma tentativa de análise aprofundada do percurso de vida dos expostos.⁶ Como estudar o trajeto destas crianças? Como estudar o trajeto daqueles que pertenciam à classe popular e

3 Decreto de 21 de novembro 1867, 882 e 888, Arquivo Histórico da Assembleia da República.

4 O fim do abandono anónimo na capital fez decrescer o número de admissões na SCML para cerca de 10 % do período entre 1849 e 1870. Sobre a evolução da política assistencial e os quantitativos do abandono em Lisboa, ver Joana Catarina Vieira Paulino, *O abandono de crianças em Lisboa (1850-1910). Os efeitos do fim da exposição anónima na roda* (Tese de Doutoramento, NOVA FCSH, 2019). Sobre a mudança na política assistencial face aos expostos no contexto europeu e o encerramento das rodas dos expostos, ver Barbara Revuelta Eugercios, *Los usos de la inclusa de Madrid, mortalidad y retorno a principios del siglo XX (1890-1935)* (Tese de Doutoramento, Universidad Complutense de Madrid, 2011); Rachel Fuchs, *Abandoned children. Foundlings and Child Welfare in Nineteenth-Century France* (Nova Iorque: State University of New York Press, 1984); Volker Hunecke, *Il Trovatelli di Milano: Bambini esposti e famiglie espositrici del XVII al XIX secolo* (Bolonha: Il Mulino, 1989).

5 Eugercios, *Los usos*; Maria Antónia Lopes, *Assistência e Controlo Social. Coimbra (1750-1850)* (Viseu: Palimage, 2000); Nuno Osório da Nóbrega Cortes, *O abandono de crianças no Algarve. O caso dos expostos de Loulé (1820-1884)* (Porto: s.n., 1991); Teodoro Afonso da Fonte, *O abandono de crianças em Ponte de Lima (1625-1910)* (Viana do Castelo: Câmara Municipal de Ponte de Lima/Centro de Estudos Regionais, 2005); Hunecke, *Il Trovatelli*.

6 Refira-se apenas o estudo de Ivan Jablonka para Paris — *Ni père ni mère: histoire des enfants de l'Assistance publique, 1874-1939* (Paris: Seuil, 2006) — e de José Damas Antunes para a Lourinhã e Torres Vedras — *Os Expostos da Roda de Lisboa. Percursos de Vida na Lourinhã e em Torres Vedras. Séc. XVII-XIX* (Lisboa: Edições Colibri, 2015).

que raramente deixaram testemunhos escritos (ou aos quais tenhamos acesso)? De facto, não só estes menores integravam as camadas sociais mais pobres, constituindo a pobreza (a par do serviço da mãe como criada e do abandono desta pelo pai) um dos motivos mais recorrentes para o seu abandono, como também eram criados pelas amas mais pobres deste grupo de trabalhadoras, para quem o rendimento desta função era determinante para a economia familiar. Como partir de uma análise macro, dos expostos como um grupo de tutelados por uma instituição, para uma aproximação ao seu percurso, permitindo-nos refletir sobre a sua integração familiar e social? Quais as fontes e como conciliá-las?

Pretende-se, assim, refletir sobre as fontes e metodologia para estudar o percurso de vida de expostos, partindo-se do estudo de caso de tutelados da SCML no século XIX, entregues a amas das freguesias da Encarnação e Tomar, numa abordagem que pode ser transversal a outros abandonados do Reino e servir de exemplo para a análise de outros percursos de vida. Para tal, é imprescindível conciliar fontes de natureza diversa, dispersas por diferentes arquivos — de fontes religiosas, como os Róis de Confessados e os registos de nascimento e casamento, a fontes institucionais, da secção Criação dos Expostos do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (AHSCML).

FONTES E OPÇÕES METODOLÓGICAS

A reconstituição de histórias de vida de crianças abandonadas implica várias etapas, associadas à consulta de diferentes espólios documentais que importa conciliar. Partimos do levantamento dos expostos declarados como tal nos Róis de Confessados da Encarnação e de Tomar, o que nos permitiu limitar o número de casos a estudar e circunscrevê-los geograficamente. Algumas crianças permaneceram ali pouco tempo, o que sugere um contexto de pobreza, uma vez que o salário das amas diminuía conforme a idade das crianças avançava. Se partíssemos de fontes institucionais, isso levaria a uma dispersão geográfica maior, dificultando-nos a reflexão sobre a integração

familiar destas crianças a partir da mesma fonte, como demonstraremos mais à frente.

A opção por estas freguesias prendeu-se com a disponibilidade documental. Identificámos Róis de Confessados para Oitocentos no Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa referentes à freguesia da Encarnação (Lisboa), onde se situava a SCML, uma zona central da capital, nobre e rica, onde predominava o comércio. Simultaneamente, partindo da tese contemporânea de melhor integração familiar e social dos expostos em meios mais pequenos, procurou-se o mesmo tipo de fonte para uma freguesia rural, uma tarefa difícil, dado o âmbito cronológico pretendido e/ou a inexistência de documentação deste tipo nos arquivos distritais ou em igrejas. Encontrámos Róis de Confessados para a freguesia de Tomar que, embora não fosse uma zona rural, era, à data, um pequeno centro urbano, correspondente à cidade de Tomar, cuja população cresceu, sobretudo, a partir da segunda metade de Oitocentos.

Era obrigação anual dos párocos, imposta pelas constituições sinodais, realizar este recenseamento paroquial antes da Quaresma. Registavam quem morava em cada rua (e, nesta, em cada fogo) da freguesia, o que nos permite conhecer o agregado de cada residência — nomes, idades, estado civil, profissão, e outros pormenores (como ser exposto). O primeiro nome a ser registado era o do chefe de família ou fogo, seguido dos restantes pela relação hierárquica que mantinham com ele.⁷ Ao conhecermos as profissões e a dinâmica familiar, ou seja, se uma única família habitava um fogo, ou se eram mais, podemos refletir sobre classes sociais e indícios de pobreza.

Identificadas potenciais amas, localizámo-las na fonte institucional, nos registos individuais destas funcionárias do AHSCML («Registo de Amas por Concelhos»), com informação sobre o seu nome e estado civil, nome e profissão do marido, morada, e exposto que lhe foi dado a criar, dados que podem ser cotejados com os dos Róis de Confessados. Verificámos, assim, se o exposto era tutelado pela SCML

7 Isaías da Rosa Pereira, «Os Róis de Confessados, seu interesse histórico e alguns problemas que suscitam a sua utilização,» in *Primeiras Jornadas de História Moderna* (Lisboa: CH-ULisboa, 1986), 57.

(pois na fonte anterior, salvo raríssimas exceções, a instituição não é mencionada) e começámos a traçar o seu percurso desde a entrada na instituição até que se lhe perde o rasto, ou seja, até ao momento em que passamos a desconhecer o seu paradeiro, deixando de ser possível seguir o seu percurso de vida.

Ao serem abandonados na instituição, os expostos eram inscritos nos livros de «Entrada e Baptismo», sendo que após 1870 a sua admissão era feita em «Papeletas de matrícula». Neste último caso, conhecem-se os motivos do abandono e os contextos — predominantemente de pobreza — em que estas crianças nasceram. Refira-se, por exemplo, o caso de Julião, abandonado em 1885. Os seus pais eram criados de servir, sendo que a mãe, Anna de Jesus, de Arganil, tinha vindo para Lisboa para exercer essa profissão. O pai da criança, Jose (*sic*) Barboza, abandonou-a e esta, sozinha, não tinha meios para criar o filho. Julião foi admitido na SCML para que a mãe pudesse melhorar a sua miséria e manter a profissão de criada.⁸

Iniciado o período de criação imediatamente após a entrada, nos livros de «Matrículas dos expostos» existem informações sobre os abandonados ao cuidado das amas de leite (0-1 ano) e de seco (1-10 anos), passando-se depois para os «Termos de vestir» (10-16 anos). É nesta altura que se perde o rasto da maioria dos abandonados, sobretudo dos rapazes, bem como das raparigas que são entregues a amas de fora da capital, o que levanta dúvidas sobre a real eficácia da SCML no controlo dos seus tutelados, e sobre se de facto eles estariam integrados nas famílias que os criavam. Caso os abandonados fossem rapazes, podiam aprender ofícios (livros de «Expostos entregues para aprenderem um ofício»); se raparigas, dedicar-se-iam, sobretudo, ao serviço de criadagem (livros de «Termos de criados» e «Expostas maiores dadas a servir»), principalmente em Lisboa. As Atas da Mesa Administrativa da SCML, com registo de vários acontecimentos de todos os serviços e administração da SCML, revelam-nos ainda casos particulares, como a forma como as amas tratavam os expostos. Veja-se a concessão da gratificação de 2\$4000 réis a «Margarida Leonor dos Santos (...) ama

8 Papeletas de matrícula, cx. 10, n.º 17, Exposições, Entrada dos expostos, Criação dos Expostos.

dos Expostos Leonor, Anna, Joaquina, e Bernardo, que todos os quatro foram acometidos de sarna, e depois de diversas outras enfermidades, nas quais têm sido tratados pela ama com toda a pontualidade, carinho e asseio».⁹

No entanto, as fontes institucionais não permitem analisar profundamente o contexto social dos agregados com quem os expostos viviam ou atestar a sua integração, e sugerem ainda que a SCML perdia o rasto das crianças em tenra idade. Perante tais situações, o cotejamento de fontes é enriquecedor, pois, caso se mantivessem na mesma região ou com a mesma família, podemos encontrar estes menores nos Róis de Confessados. Sabemos, por exemplo, que o já mencionado Julião residiu com uma família numerosa. A sua ama, Anna Maria, era casada com Manuel Escudeiro. Moravam em Tomar e tinham seis filhos biológicos, alguns dos quais com idades próximas de Julião, depreendendo-se que foram buscar o exposto à SCML para obter rendimento do leite que a ama teria. No contexto de um agregado numeroso, o salário da criação de Julião seria importante, bem como a mão-de-obra que este posteriormente constituiria.¹⁰

Em casos em que temos informações sobre o batismo ou casamento dos expostos, os registos paroquiais, existentes no Arquivo Nacional Torre do Tombo e em arquivos distritais, ajudam a reconstituir histórias de vida. Mencione-se o caso de Emília, abandonada na roda em 1856, cujo sinal escrito (manuscrito que a acompanhava aquando do abandono) referia ter sido batizada na freguesia de São Pedro de Alcântara (Évora) (Figura 1a). Foi exposta porque os progenitores não tinham meios para a criar, sendo a mãe, Thereza de Jesus da Conceição, doente, e o pai oriundo do Tojal.¹¹ Consultado o registo deste sacramento, identificámos os seus progenitores, num momento em que o abandono anónimo legal era ainda vigente (Figura 1b) e conseguimos reconstituir a sua família até aos avós (Figura 1c).

9 Acta... n.º 4, 9 de abril de 1855, fls. 64v-65, Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

10 Rol de Confessados de São João Baptista de Tomar, 1898 e 1899, cx. 54, Arquivo Diocesano de Setúbal.

11 Sinais de Entrada, 1856 (n.º 1993), Entrada e Baptismo dos expostos, Entrada dos expostos, Criação dos Expostos, Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

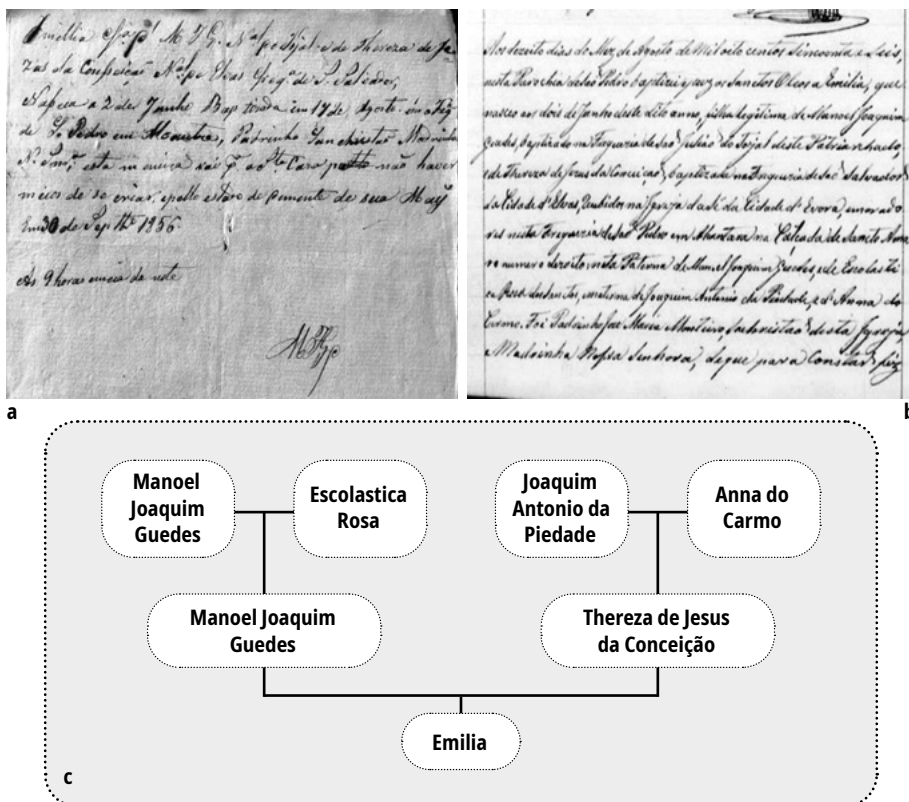


Figura 1. a) sinal da exposta Emilia; b) registro de batismo; c) reconstituição da família.

Fonte: Sinais de Entrada, 1856 (n.º 1993), Entrada e Baptismo dos expostos, Entrada dos expostos, Criação dos Expostos, Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; Livro de Baptismos, 1856, ex. 2, liv. 7, Paróquia de São Pedro de Alcântara, Arquivo Distrital Évora.

Por sua vez, quanto aos registos de casamento, estes referem-nos os homens com quem as expostas celebravam o matrimónio — nome, local de residência e profissão — permitindo, por vezes, localizá-las quando a SCML já não conseguia acompanhar o seu percurso.

Casos existem ainda em que os próprios parentes de expostos, tentando saber mais sobre os seus antepassados, contaram as histórias dos seus familiares aos técnicos do AHSCML, informações muitas vezes adicionadas aos registos do antigo tutelado.

CONCLUSÃO

Reconstituir histórias de vida de expostos é um processo complexo, que exige o conciliar de fontes de arquivos variados, e em que muitas vezes se perde o rasto às crianças ainda em tenra idade. No entanto, a categoria de exposto acompanha as pessoas ao longo da vida, sendo comum vir a constar nos registos de casamento e óbito ou nos Róis de Confessados, o que facilita a sua localização.

Combinar fontes institucionais com fontes religiosas permite ir mais além. Nos casos em que os expostos tenham sido batizados antes de serem abandonados, permite conhecer as suas famílias biológicas, inclusive para o período em que o abandono anónimo ainda era legal em Lisboa. Além disso, ajuda a clarificar a procedência dos expostos, entender se as suas famílias pertenciam à classe popular, e ainda seguir o seu percurso, mesmo quando a SCML lhes perde o rasto, quer pela longa permanência junto das famílias das amas, atestada pelos Róis de Confessados, quer porque casaram, existindo, neste caso, registos de casamento. Simultaneamente, o cruzamento de fontes abre uma porta para que conheçamos os agregados com quem os expostos residiam, atestando-se a importância do rendimento obtido pelas amas para a economia familiar. De facto, as crianças não só eram geralmente oriundas de contextos populares, mas eram também criadas neles, integrando as famílias das amas, das mais pobres entre esta classe de trabalhadoras. Levanta-se, assim, o véu sobre o percurso de vida das crianças abandonadas na Lisboa Oitocentista, o que nos permite aproximarmo-nos da realidade por elas vivida.

Palavras-chave:

Abandono infantil; Roda dos Expostos; Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; Percursos de vida.